

Associação Nacional de História – ANPUH
XXIV SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA - 2007

A constituição de jovens leitores de literatura nos meios populares

Ana Paula Carneiro Renesto*

Resumo: Este projeto de dissertação insere-se no campo das discussões sobre leitura e objetiva elucidar questões referentes ao processo de formação de adolescentes leitores de literatura nos meios populares, da perspectiva da psicologia histórico-cultural. Por meio de entrevistas com adolescentes de 14 a 16 anos, pretende-se investigar quais experiências e interações com o texto escrito, com as práticas de leitura e com outros leitores são significativas para a constituição de sujeitos leitores de obras do cânone literário no portador livro.

Palavras-chave: Letramento literário – Psicologia histórico-cultural – Meios populares

Abstract: This study aims at clarifying questions about the process of constitution of adolescent readers of literature in the underprivileged classes, from the perspective of the historical-cultural psychology. By means for interviewing adolescents aged from 14 to 16, we intend to investigate which experience and interactions with the written text, with reading practices and with other readers are meaningful for the constitution of readers of the literary tradition in the book support.

Key-words: Literary literacy – Historic-cultural psychology – Underprivileged classes

No livro *Se um viajante numa noite de inverno*, Ítalo Calvino tematiza a leitura, no que ele descreve como “um romance sobre o prazer de ler romances”¹. Tal romance, gênero de leitura de fruição por excelência, está ele próprio dividido em dez outros romances de diferentes estilos, cada um dos quais é sistematicamente interrompido. O protagonista de *Se um viajante numa noite de inverno* é o Leitor, que sai em busca da continuação dos romances inacabados.

A despeito da frustração motivada por cada quebra do novo romance iniciado, assim como o Leitor personagem mantém-se em busca da continuação dos romances interrompidos, também o leitor real opta por não fechar o livro e prossegue lendo por horas a fio, sujeitando-se ao jogo imposto pelo autor, seduzido pelo prazer da leitura.

Acredito que essa sedução do livro, representada literariamente por Calvino, contribuiu, entre outros fatores, para que me tornasse uma leitora ávida, a despeito de ser aluna de uma escola pública em que não havia sala de leitura e moradora de um bairro sem

* Bacharel em Letras pela Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo em 1992; mestranda pela Faculdade de Educação da USP.

¹ Ítalo Calvino, “Il libro, i libri”, Nuovi Quaderni Italiani, Buenos Aires, 1984, p. 19 apud *Se um viajante numa noite de inverno*, p. 266)

biblioteca.

Mais tarde, quando já atuava como professora da rede privada, angustiava-me perceber que aparentemente mesmo crianças e jovens de meios bastante escolarizados nem sempre desenvolviam o gosto pela leitura. Aprofundei assim meu interesse pelo estudo da formação de sujeitos leitores de literatura, ou leitura literária, aquela que Soares define – segundo a própria autora, de forma ampla e simples – como “a leitura que se faz por prazer, por opção, não por obrigação”, a leitura gratuita, que se faz como lazer, e não com um objetivo pragmático de ler para instruir-se ou informar-se (2004).

Mas, afinal, o brasileiro de fato lê pouco, como acredita o senso comum? As pesquisas acadêmicas e as de mercado parecem indicar que sim (CORRÊA, 2003). Os números da produção livreira, em contraste com o tamanho da população, contribuem para essa impressão. Em pesquisa de opinião realizada pelo Datafolha em data próxima à 14ª. Bienal Internacional do Livro em São Paulo, 57% dos brasileiros entrevistados afirmaram não ter lido nenhum livro por lazer ou cultura nos últimos doze meses anteriores à enquete².

Estariamos então diante da chamada crise da leitura do impresso? Uma crise do impresso que não se restringiria ao Brasil? Que seria, ao contrário, universal? E que se deveria à difusão de outras mídias?

Na década de oitenta, a resposta era não, segundo autores como Roland Barthes e Antoine Compagnon, os quais não temiam que a leitura ou o número de leitores se reduzissem frente à disseminação da imagem pelos meios eletrônicos. Ao contrário. Para os autores, o status de leitor havia se aplicado sempre a uma elite. E, na medida em que aumentasse o número de alfabetizados, deveria crescer também o número de leitores. A percepção de que havia uma crise da leitura era, para Barthes e Compagnon, equivocada (1987).

Mais de uma década depois, Martyn Lyons e Ciana Leahy também defendem que a cultura da imprensa “está longe da extinção” face à disseminação dos meios

² Ainda segundo a mesma pesquisa do Datafolha, 33% dos entrevistados leram de 1 a 5 livros por lazer e cultura, 6% leram de 6 a 10 livros e apenas 4% leram mais de 10 livros. Quanto às leituras para a escola, os dados são mais negativos: 85% não leram nenhum livro; 10% leram de 6 a 10 livros e apenas 2% leram mais de 10 livros. Os números de leitura recomendadas pelo trabalho também não são elevados: 82% não leram nenhum livro; 13% leram de 1 a 5 livros; 3% leram de 6 a 10 livros e apenas 2% leram mais de 2 livros nos últimos doze meses. A média dos livros lidos ficou em 2,4 por lazer e cultura; 1 para a escola e 1,2 para o trabalho. Foram entrevistas 8.766 pessoas com idade superior a 16 anos, em 11 capitais do Brasil. Folha de S. Paulo, 11 de agosto de 1996, *apud* CORRÊA, T. H. “Adolescentes leitores: eles ainda existem” in Paiva, A. et al. (orgs) *Literatura e Letramento: espaços, suportes e interfaces – o jogo do livro*. Belo Horizonte: Autêntica /CEALE/FaE/UFMG, 2005.

eletrônicos e que, ao contrário, “a revolução eletrônica pode auxiliar na criação de um público leitor vasto e mais crítico” (LYONS, LEAHY, 1999:19)

Além disso, ainda segundo Lyons e Leahy, o conceito de crise da leitura não pode ser aplicado a países menos letrados, já que o letramento deve ser visto em termos mundiais, e já que o número de analfabetos no mundo está de fato aumentando. Concordamos com os autores quando dizem que sociedades pouco letradas não passarão para os meios eletrônicos sem passar antes pelo estágio de letramento escrito e que “a luta pela alfabetização fundamental ainda tem muitas montanhas a escalar.” (1999: 21)

Seguramente há “muitas montanhas a escalar” no Brasil. Segundo a PNAD 2005³, nosso país ainda apresenta, entre a população com 10 anos ou mais de idade, 15 milhões de analfabetos⁴ e 38 milhões de analfabetos funcionais⁵. E, de acordo com a pesquisa INAF⁶ 2005, apenas 26% da população brasileira adulta tem domínio pleno das habilidades de leitura e escrita⁷.

Magda Soares aponta como condições para o desenvolvimento de práticas de leitura e escrita a “escolarização real e efetiva da população” e a disponibilidade de material de leitura para que os alfabetizados fiquem “imersos em um ambiente de letramento”. Todavia, em suas próprias palavras, o que ocorre em países como o Brasil

“...é que se alfabetizam crianças e adultos, mas não lhes são dadas as condições para ler e escrever: não há material impresso posto à disposição, não há livrarias, o preço dos livros e até dos jornais e revistas é inacessível, há um número muito pequeno de bibliotecas” (SOARES,1998:58).

Regina Zilberman afirma que a literatura permanece “inatingível às camadas populares”, mesmo que estas tenham tido acesso à educação e que o leitor é “alfabetizado e preparado para entender textos”...como querem os PCNs, e não para ler literatura (2003:265). Ainda segundo a autora, o livro é “o grande excluído do ensino”, porque se se apresenta ao leitor, é sob a forma de livro didático, de súmula de trechos de textos, de fragmentos

³ Pesquisa Nacional por Amostragem de Domicílios, realizada pelo IBGE em 2005 e publicada em 2006.

⁴ 10,1% da população.

⁵ Pessoas com 10 anos ou mais de idade e com menos de 4 anos de estudo.

⁶ O IBGE considera analfabeta funcional a pessoa que declara ter menos de quatro anos completos de escolaridade. Já o INAF (Indicador Nacional de Alfabetismo Funcional), instrumento desenvolvido pela parceria do Instituto Paulo Montenegro e da ONG Ação Educativa, permite verificar a existência de analfabetos funcionais que freqüentaram a escola por mais de 4 anos ou de alfabetizados funcionais que nunca foram à escola.

⁷ Ainda de acordo com a pesquisa INAF 2005, 7% da população brasileira adulta não é alfabetizada, 30% é alfabetizada rudimentar e 38% é alfabetizada básica.

fragilmente costurados.

Ora, se “o nível de *letramento* de grupos sociais relaciona-se fundamentalmente com as suas condições sociais, culturais e econômicas” (SOARES, 1998:58), se há no Brasil uma “perversa relação entre a distribuição de renda no País e as condições de acesso à leitura”, se a democratização da leitura depende de mudanças que ultrapassam o educacional e o cultural (SOARES, 2004), como se constituem alguns leitores em comunidades de nível socioeconômico desfavorecido? E se a literatura esteve, ao longo da história ocidental, e permanece hoje ainda “inatingível às camadas populares” (ZILBERMAN, 2003:265), como alguns sujeitos, para além de se tornarem leitores com objetivos pragmáticos (instruir-se ou informar-se), chegam a constituir-se leitores de literatura, que lêem não por obrigação, mas sim por prazer? E se “o livro é o grande excluído do ensino” (ZILBERMAN, 2003), como alguns sujeitos se tornam leitores do cânone literário no portador livro?

Um bom exemplo do quão intrigante é o tema do letramento literário nos meios populares é o caso do escritor Ferréz⁸, morador do bairro Capão Redondo, na periferia de São Paulo, pai motorista e mãe empregada doméstica, o qual se constituiu leitor a despeito de suas dificuldades de acesso à leitura⁹. Ferréz relata que, mesmo quando ficou desempregado¹⁰, vendeu camisa, vassoura, reformou bares e lixou paredes de apartamento, mas jamais deixou de ler as obras de seus autores preferidos, Drummond, Bandeira e Dostoievski.

Em 2000, Ferreira elaborou um catálogo de dissertações de mestrado e teses de doutorado no campo da leitura, escritas entre 1965 e 2000. Vários dos estudos elencados evidenciam que a escola ainda não consegue estimular uma boa aprendizagem de leitura, sendo a família indicada como o contexto em que as experiências mais favoráveis e significativas se dão. Casos como o de Ferréz não foram suficientemente pesquisados pelos trabalhos sobre leitura realizados até o momento: se a maior parte das famílias brasileiras possuem baixo grau de escolarização e não estão imersas em ambientes que propiciem o letramento literário, como algumas crianças, a exemplo de Ferréz, constituem-se não apenas leitores, mas também leitores de literatura?

⁸ Em 1997, Ferréz publicou seu primeiro livro, *Fortaleza da Desilusão*. Em 2000, lançou *Capão Pecado* (Objetiva, 2005). É também autor de *Manual Prático do Ódio* (Objetiva, 2003), *Amanhecer Esmeralda* (Objetiva, 2005) e *Ninguém é Inocente em São Paulo* (Objetiva, 2006). Escreve uma coluna na revista *Caros Amigos*. É criador do projeto e editor-chefe da revista *Literatura Marginal*, a qual recebeu o Prêmio da Associação Paulista de Críticos de Arte (APCA) de Melhor Projeto de Literatura de 2001. Fonte: Itaú Cultural. Recuperado em 15 dez. 2006: <http://www.itaucultural.org.br/aplicexternas/enciclopedia/poesia/index.cfm>; Editora Objetiva. Recuperado em 15 dez. 2006: <http://www.objetiva.com.br/objetiva/cs/?q=node/81>

⁹ Cabe aqui insistir que não é nossa questão a qualidade ou não da escrita de Ferréz, e sim o fato de ele ter sido um adolescente dos meios populares que se constituiu leitor do cânone literário.

¹⁰ Antes de se dedicar exclusivamente à escrita, Ferréz trabalhou como balconista de bar e padaria (dos 12 aos 16 anos), e auxiliar-geral e arquivista.

Nosso estudo se realizará da perspectiva da psicologia histórico-cultural, de acordo com a qual as características singulares do indivíduo estão relacionadas à apropriação *ativa* do legado de seu grupo cultural. Sua subjetividade não resulta de fatores isolados, mas das múltiplas influências que recebe, as quais não são assimiladas pelo indivíduo de modo passivo. Ele se constitui via inúmeras interações sociais, recebendo informações e influências de diferentes mediadores que compõem sua família, grupo escolar, os meios de comunicação e os instrumentos culturais.

Esse jogo fica mais claro fazendo-se referência à perspectiva teórico-metodológica da *Rede de Significações*¹¹, perspectiva segundo a qual “o desenvolvimento humano se dá dentro de processos complexos”, pois está imerso numa malha de *elementos de natureza semiótica* que se inter-relacionam dialeticamente. A circunscrição dos percursos possíveis depende da variabilidade dos significados que emergem, face à articulação dos elementos ligados às pessoas em interação dentro de um determinado contexto. Essa articulação é percebida como algo que se altera continuamente, compondo novos arranjos e novos percursos potenciais. Sendo assim, a concepção de desenvolvimento da *Rede de Significações* “distancia-se de visões lineares, pontuais e causais e aproxima-se daquelas concepções que reconhecem as diferentes interconexões e associações entre os elementos” (ROSSETI-FERREIRA, AMORIM E SILVA, 2004).

Outro de nossos referenciais teóricos será o sociólogo francês Bernard Charlot, que defende a necessidade de estudar as singularidades das histórias escolares e o significado que a relação com o saber tem para o aluno, caminhando na vertente oposta à das teorias da reprodução.

Também fugindo às explicações deterministas, o sociólogo francês Bernard Lahire realizou uma interessante pesquisa intitulada *O sucesso escolar nos meios populares: as razões do improvável*. O autor investigou como famílias aparentemente desprovidas do capital cultural valorizado pela escola engendram crianças que têm os melhores desempenhos na escola. Concluiu que só é possível compreender os resultados escolares quando se reconstrói a rede de interdependências familiares por meio das quais se possibilita que a criança atenda às exigências escolares.

Ao descrever as configurações familiares, Lahire considerou cinco temas: as formas familiares da cultura escrita; as condições e disposições econômicas; a ordem moral doméstica; as formas de autoridade familiar e as formas familiares de investimento

¹¹ Os principais pilares teóricos dessa perspectiva acham-se nos autores sócio-históricos ou histórico-culturais, tais como Vygotsky (1991, 1993), Wallon (1986), Valsiner (1987, 1997) e Bakhtin (1981, 1997, 1999), além de outros autores da Psicologia do Desenvolvimento e da Psicologia Social, entre os quais Bruner (1997).

pedagógico. Quanto às formas familiares da cultura escrita, o sociólogo concluiu que o essencial não era haver ou não materiais de leitura ou pessoas com maior escolarização, mas práticas efetivas de leitura e escrita, e sua natureza positiva ou negativa. O mais relevante era o fato de a criança presenciar ou não atos de leitura (por exemplo, um adulto lendo o jornal) e de tal criança associá-los com prazer (como, por exemplo, o prazer proporcionado pela leitura de histórias por um mediador mais velho para as crianças).

Na obra *Memórias da Escola: cultura escolar e constituição de singularidades*, Teresa Rego discute o impacto da escola na constituição do sujeito, investigando as mediações com o sujeito no contexto familiar e no ambiente escolar, e sua influência sobre a constituição da singularidade do sujeito.

Recorreremos ainda aos autores que estudam o *letramento literário*. De modo geral, a leitura veio sendo tratada como um fenômeno cognitivo. Mais recentemente, passou a ser vista também como um fato histórico-cultural, ou seja, procura-se agora analisar o contexto histórico em que as obras foram produzidas. Em ambas as perspectivas, a materialidade do texto e da leitura ou não são consideradas ou são relegadas a segundo plano. Assim, “a singularidade dos sujeitos e das situações... não ocupa o centro da cena, dificultando-nos uma caracterização minimamente satisfatória da leitura como experiência subjetiva”. Porém, pensando a leitura na perspectiva do letramento, as idiossincrasias dos sujeitos, a particularidade das situações e a materialidade dos textos podem ocupar o centro das atenções. O conceito de *letramento literário* possibilita perceber melhor a trajetória do leitor de literatura em formação (RANGEL, 2003: 129-130).

Os autores acima nos ajudarão a compreender as razões da improvável formação de leitores nos meios populares. Que interdependência de relações nos contextos familiar, escolar e em outras agências socializadoras (como bibliotecas públicas, clube de livros, igrejas, grupos de pares etc) engendra leitores de literatura a despeito dos “obstáculos às possibilidades de leitura e impedimentos do direito de leitura” (SOARES, 2004) no Brasil, em especial nas camadas populares?

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BARTHES, R. e COMPAGNON, A. Leitura, in **Enciclopédia Einaudi v. 11 (Oral/Escrito)** (trad. T. Coelho) Lisboa: Imprensa Nacional/Casa da Moeda, 1987.
- CALVINO, I. **Se um viajante numa noite de inverno**. São Paulo: Companhia das Letras, 1999.

- CHARLOT, B. (org.) **Os jovens e o saber: perspectivas mundiais**. Porto Alegre: Artmed, 2001.
- CORREA, H. T. Adolescentes leitores: eles ainda existem. In: PAIVA, A. et al. (Orgs) **Literatura e letramento: espaços, suportes e interfaces – O jogo do livro**. 1ª. ed., 1. reimp. – Belo Horizonte: Autêntica / CEALE / FaE / UFMg, 2005.
- FERREIRA, N. S. A. **A pesquisa sobre leitura no Brasil: 1980 – 2000 – Catálogo analítico de dissertações de mestrado e teses de doutorado**. Campinas: FAEP, UNICAMP.
- INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE). **Síntese dos Indicadores 2005**. Recuperado em 10 jan. 2007. [http://: www.ibge.gov.br/home/estatistica/populacao/trabalhoerendimento/pnad2005](http://www.ibge.gov.br/home/estatistica/populacao/trabalhoerendimento/pnad2005).
- INSTITUTO PAULO MONTENEGRO, AÇÃO EDUCATIVA, IBOPE. Indicador nacional de alfabetismo funcional 2005. Recuperado em 16 jan. 2007. [http://: www.ipm.org.br](http://www.ipm.org.br)
- LAHIRE, B. **Sucesso escolar nos meios populares: as razões do improvável**. São Paulo: Ática, 1997
- LYONS, M. e LEAHY, C. **A palavra impressa** (trad. C. Leahy). Rio de Janeiro: Casa da Palavra, 1999.
- RANGEL, E. O. Letramento literário e livro didático de língua portuguesa: “Os amores difíceis”. In: PAIVA, A. et al. (Orgs) **Literatura e letramento: espaços, suportes e interfaces – O jogo do livro**. 1ª. ed., 1. reimp. – Belo Horizonte: Autêntica / CEALE / FaE / UFMg, 2005.
- REGO, T.C. **Memórias de escola: Cultura escolar e a constituição de singularidades**. Petrópolis: Vozes, 2003.
- ROSSETI-FERREIRA, M. C. e ali (Orgs.) **Rede de significações e o estudo do desenvolvimento humano**. São Paulo: Artmed Editora, 2004.
- SOARES, M. **Letramento: um tema em três gêneros**. *Belo Horizonte: Autêntica, 1998.*
- _____. **Letura e democracia cultural**. In: PAIVA, A. et al. (Orgs) **Democratizando a leitura: pesquisas e práticas**. Belo Horizonte: Ceale; Autêntica, 2004.
- ZILBERMAN, R. Letramento literário: não ao texto, sim ao livro. In: PAIVA, A. et al. (Orgs) **Literatura e letramento: espaços, suportes e interfaces – O jogo do livro**. 1ª. ed., 1. reimp. – Belo Horizonte: Autêntica / CEALE / FaE / UFMg, 2005.